

.: EDITORIAL

A décima quarta edição do Boletim Conect-a é composta por textos que registram atividades e conversações realizadas no CLIN-a. Novidades por vir e invenções em espaços novos e na cidade trazem o vigor das ressonâncias de cada autor.

Nas **Pílulas** Tatiana Vidotti traz notícias da conversação “Transferência de trabalho” que inaugurou o novo espaço da Universidade de Campinas. Destaca o que é uma conversação e seus efeitos, e conclui que transferência e furo são motores do trabalho.

Com o título “O que é o CIEN?”, Aparecida Santa Clara Berlitz, Claudia Santa, Cynthia Gindro, Maria de Fátima Luzia, Renata Perche e Tatiana Vidotti tecem reflexões sobre a conversação que ocorreu na Biblioteca Municipal Hans Cristian Anderson na cidade de São Paulo. Ressaltam a particularidade da psicanálise no trabalho transdisciplinar do CIEN e a importância da conversação e de suas ressonâncias.

Cristiana Gallo, editora da Entrevários, revista do nosso Instituto, traz novidades sobre a próxima edição cujo tema será “A Construção do Caso Clínico”.

No **Radar**, Fernanda Guimarães Pougy através do Espetáculo de Marcelo Moraes “Experimentos do invisível” traz a relação da mágica com a realidade, com o resto e com o que fica fora da compreensão. Faz, ainda, uma relação com o efeito da retroação e a topologia do tempo introduzida por Lacan.

No espaço **Biblioteca**, Eliana Machado Figueiredo, participante da Comissão de Biblioteca, conta-nos sobre a primeira edição de “Leituras na cidade”, realizada na Livraria das Perdizes em São Paulo. Ocorreu uma conversação em um espaço público, onde Camila Popadiuk apresentou a tragédia grega “Édipo Rei”, de Sófocles, seguida das articulações freudianas realizadas por Cássia Maria Rumenos Guardado. Temos ainda o convite da próxima “Leituras na cidade”!

Por fim, a **Agenda** de atividades que ocorrerão no Instituto.

Boa leitura!



foto: <https://unsplash.com/>

Maria Veridiana Sampaio Paes de Barros
Diretora Tesoureira e Coordenadora da Comissão Conect-a

Comissão: Emelice Prado Bognola, Fábio Saad, Luiza Gerace e Paula Maia

.: Pílulas

Uma abertura pela Conversação: a transferência de trabalho e a unidade furada

No dia 28 março de 2026 aconteceu, em Campinas, uma Conversação que inaugurou a unidade do CLIN-a na cidade. Unidade que já funcionava há muitos anos, visto o trabalho de seus associados, em diversos arranjos: ora próxima à Saúde Mental, ora na sala de um *flat* ou de um *coworking* e até mesmo *online*. Desta vez, o arranjo conta com uma sala que, aos poucos, ganha corpo e objetos que darão suporte àqueles que apostam no instituto como um lugar de ensino e investigação da psicanálise de orientação lacaniana.



foto: <https://www.gov.br/>. Pedra Furada, localizada no Parque Nacional da Serra da Capivara (PI).

Digo que uma Conversação aconteceu, o que, como sabemos, só pode ser dito *a posteriori*, pelos seus efeitos. Miller propõe que a conversação é uma “espécie de associação livre (...) não uma enunciação coletiva – mas uma associação livre coletivizada, da qual esperamos um certo efeito de saber.”¹. Coletivizada no sentido em que “não somos donos dos significantes”². É preciso confiar na cadeia significativa para que vários participem ao mesmo tempo, na medida em que o que um diz ressoa no outro que toma a palavra. Quiçá, com esse movimento, algo novo se produz.

Previamente, quatro associados produziram pequenos textos, localizando impasses que seriam disparadores da conversação em torno do tema *Transferência de trabalho*. Felipe Bier pergunta sobre o laço que se produz no instituto, localizando que há uma diferença do trabalho na Escola, ainda que ambos contem com o furo. Eu questiono o significante *unidade*, remetendo-me à unidade furada do estágio do espelho, que abarca os buracos e os restos. Como fazer com o que fica des-a-r-rumado? Emelice Prado Bagnola pergunta se as unidades do CLIN-a articulam-se como peças avulsas e, ainda, como trabalhar, enquanto associado, tendo “no horizonte o real e a pequena diferença encarnada na peça escolhida pelo praticante?”. James Valeriano propõe que cada trabalhador jogue a partida do ensino da psicanálise “com seu sintoma, sua maneira e ao seu gosto”, perguntando se a transferência de trabalho pode ser a arma dos psicanalistas em um instituto do Campo Freudiano.

1 MILLER, J-A et al., *La pareja e el amor: conversaciones clinicas con Jacques Alain-Miller em Barcelona*. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 15, tradução livre.

2 *Idem*, p. 15

Além da maioria dos associados que residem em Campinas ou região, estiveram presentes a representante do conselho técnico Milena Vicari Crastelo, a diretora-presidente Camila Popadiuk e o diretor-secretário Eduardo Vallejos da Rocha. Laura Mansin, então coordenadora do CLIN-a Campinas, fez circular as palavras.

O significativo *unidade*, resgatado do estatuto, nomeia o modo de funcionamento do CLIN-a, que tem sua sede em São Paulo e atividades que se ramificam pelo interior do estado, animadas, exatamente, pela transferência de trabalho e a orientação das leituras de Freud, Lacan e Miller. Se, como propõe Elisa Alvarenga³, no ensino faz-se uma passagem do trabalho de transferência à transferência de trabalho, ou, do amor ao saber ao desejo de saber, surge a questão sobre o manejo: há o que manejar na transferência de trabalho? Quem maneja?

A resposta se deu em ato na conversação, onde cada associado, ao colocar algo de si, testemunhou as possibilidades de sustentar o ensino da psicanálise na cidade *entre-vários*, com hífen, para marcar o furo. Furo no saber, furo na unidade, furo nos grupos, e nas parcerias que se formam a cada vez para propor e sustentar um curso complementar ou um núcleo de pesquisa. Furos que se apresentam por uma pergunta, durante uma exposição, que põe o colega a trabalhar. Ou que fazem girar os mal-entendidos e o consequente mal-estar, abrindo a via de uma nova elaboração, de um passo a mais daqueles que entregam pedaços de sua transmissão.

Como o trabalho no instituto pode ser gostoso? Somente a partir do inédito de um associado, da novidade do modo de dizer sobre um tema ou de abrir uma leitura. Como, ainda, tratar das burocracias, sem tanta exasperação ou sacrifício? Contar com o coletivo, formado por cada associado, e com a contribuição que cada um pode sustentar.

Desta manhã, fica o frescor de um novo lugar, o cheiro de café e a mesa farta! Também se extrai o amadurecimento do trabalho, refletido naqueles que escolhem o CLIN-a para endereçar seu desejo de formação em psicanálise. Fica evidente o investimento libidinal dos associados, trabalhadores decididos pela causa analítica, diante da diversidade das atividades que acontecem neste momento e de suas participações.

Que a transferência e o furo sejam os motores do trabalho, para os laços e os impasses, hoje e daqui em diante!

Tatiana Vidotti
Associada ao CLIN-a

3 ALVARENGA, E. Ensino e transferência de trabalho. In: *Um por um - Boletim Eletrônico do Conselho Deliberativo da EBP*, n. 335. Disponível em: www.ebp.org.br/1por1/335/um_por_um_335_ensino_e_transferencia_de_trabalho.html

O que é o CIEN?

Estar em um lugar público compartilhando um fazer do CIEN, isso é algo grande. Judith Miller nos propôs um dispositivo sem perder sua ética da psicanálise. Um dispositivo que tem seus princípios: o interdisciplinar, a conversação e o impasse. Porém, que, a cada vez, nos convida a perguntar: o que é o CIEN?

No dia 16 de maio, uma Conversação se deu na Biblioteca Municipal de nome do escritor Hans Cristian Andersen, localizada no bairro do Tatuapé, em São Paulo. A presença dos corpos se destacou, o barulho se apresentou pelo som que vem de fora de crianças que circulavam pelas atividades da biblioteca dando o tom das palavras que animaram aquela manhã de conversa.

Atravessados pelo interesse do encontro com o significativo CIEN, que porta em sua estrutura a inserção psicanalítica na cidade, as colegas Paola Salinas e Heloisa Telles nos trouxeram falas precisas e de contagiante entusiasmo a partir de suas experiências e efeitos na formação diante da aposta neste dispositivo. Recolhemos de Heloisa que os efeitos de um Laboratório dependem, de certa forma, de uma conversação contínua entre os participantes e deixar-se ensinar tirando consequências, apesar de nem sempre ser algo simples. Ela nos provoca com as perguntas: “Qual transformação podemos extrair dessa experiência? O que se transforma com a experiência do CIEN?”, e nos orienta que “não devemos exaltar seus resultados, mas considerar que é desejado que algo ocorra”.

Paola destacou a importância do hífen como espaço dinâmico que pulsa com energia, conforme observado por Judith Miller. Longe de ser uma simples metáfora, ele representa uma posição de sustentação no trabalho dos laboratórios, diante dos desafios que permeiam as conversas em determinados contextos, considerando os saberes de outras disciplinas e os estabelecidos sobre infância e adolescência, bem como as respostas protocolares do discurso dominante.



Tivemos o vivo trazido pelos três laboratórios do Estado de São Paulo e, além dos comentários e questões colocados pelos colegas, Carmem Silvia Cervelatti questiona a diferenciação do corte em uma Conversação, que não tem o mesmo lugar daquele ocorrido em uma análise pessoal. O que representa o corte na Conversação? Esta foi uma questão que restou para seguirmos conversando.

Niraldo de Oliveira Santos de saída traz a questão da sonoridade da sigla CIEN e como podemos pensar na orientação de Judith Miller, na construção do dispositivo no Brasil e suas ressonâncias. Questões que fizeram desse vivo um giro de conversa, que arejaram o trabalho, a partir da posição de êxtimos ao CIEN - o que nos cabe muito bem, pois é a partir daí que a Conversação pode se dar.

“Êxtimo”, palavra que carrega consigo o mais íntimo e estranho, surgiu nesse encontro que transpassa pelo lugar da cidade, pelos convidados e pelo próprio dispositivo que é o CIEN, ao seu lado, transdisciplinar, palavra outra que dá lugar não ao multi, que se agrupa, se organiza, se articula, mas ao que se atravessa, desorganiza, não integra, faz furo.

Falamos também que o furo pode aparecer. Podemos dizer da costura do furo?

Sobre os efeitos desta Conversação, convidamos Marcus André Vieira para fazer a costura final e, habilidoso e instigante nesse ofício, sua fala nos permite refletir um tanto a mais.

Furo, costura, não podem existir sem o corte, primeira escansão: para uma Conversação operar, é preciso um corte. Corte como meio, hífen, que instaura um vazio entre as disciplinas, abrindo o campo das palavras, oferecendo um lugar de diferença para que cada um possa lidar com os efeitos segregativos dos discursos dominantes e normatizantes que operam sobre crianças e adolescentes.

Pelo hífen no interdisciplinar, se esclarece que o que a psicanálise pode sediar, no CIEN, é uma disciplina que comporta o furo e, conseqüentemente, o lugar do vazio de um saber só possível de sustentar a partir da posição analisante. Aqui, a segunda escansão: para o CIEN operar, é preciso que ao menos um laboratoriente passe pela experiência analítica. O que a psicanálise pode contribuir em um laboratório do CIEN passa por uma posição advertida e atravessada pelo não saber.

O corte em uma Conversação, portanto, é uma operação que pode instaurar um vazio, um saber fazer inspirado pela experiência analítica. É por ele que se abre possibilidade para surgirem as ressonâncias e se evitar o excesso de significação. O corte como lugar do novo pode advir de uma “ação do vazio”, como nos diz Marcus André, algo do inesperado, que não está para ligar

algo, mas para desalojar. Assim os efeitos de uma conversação podem ser recolhidos, pelos giros produzidos entre os furos nas disciplinas e no dizer das crianças.

Fica deste encontro a aposta que o CIEN faz a cada vez na Conversação como meio de invenção para que o real presente nos discursos possa aparecer. Também o saber despertado ganha lugar em um estar dentro e fora, ao mesmo tempo. Ou, ainda, estar entre, espaço necessário do tempo de espera para surgir algo.

Aparecida Santa Clara Berlitz

Claudia Santa

Cynthia Gindro

Maria de Fátima Luzia

Renata Perche

Tatiana Vidotti

Associadas ao CLIN-a

REVISTA ENTREVÁRIOS

Sobre a nossa próxima publicação

A CONSTRUÇÃO DO CASO CLÍNICO será o tema da nossa próxima **Entrevários**, articulando clínica e ensino no Instituto a partir de questões de grande interesse, frequentemente presentes ao tratarmos deste assunto.

Podemos dizer que este número da revista foi construído com a aspiração de servir e integrar-se à formação psicanalítica em nosso Instituto, uma vez que o caso clínico presentifica-se em seus vários momentos, provocando indagações e conduzindo a tomada de posições em nossa prática e enquanto analisantes que buscam saber.

Considerando a clínica e a prática, nos interessou lançar o trabalho na direção dos aspectos epistêmicos implicados na construção do caso clínico, explicitando elementos da lógica em questão na condução do tratamento:

“Um caso é um caso se testemunha tanto a incidência lógica de um dizer no dispositivo da cura quanto sua orientação para o tratamento de um problema real, um problema libidinal, um problema de gozo. Se observarmos essa gravitação da lógica significativa no campo do gozo, então poderemos falar de caso”¹

Como indicado, nossa proposta alia-se aos compromissos de formação do Instituto e pareceu importante, no ponto em que tal formação encontra um espaço de interseção com a Escola, orientar-se por um dos eixos de trabalho apresentados por Lacan em seu Ato de fundação: a “Ética da psicanálise, que é a práxis da sua teoria”², no contexto do recenseamento do Campo Freudiano.

Reconhecemos a atualidade de nossas questões que vêm resultando em contornos e contribuições bem específicas a serem apresentadas neste próximo número de nossa revista.



1 LAURENT, É. *La Cause Freudienne, Revue de Psychanalyse*, n° 50, Paris, ECF/Navarin, fev. 2002. p. 30

2 LACAN, J. Ato de Fundação. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p. 238

Começamos pela disponibilização da tradução do texto “O caso, do mal-estar à mentira” de Éric Laurent, que se apresenta como uma das referências fundamentais ao tema da construção do caso clínico. Ao lado dele, teremos um texto inédito de nossa colega da ECF, Omaira Mesequer, que tem se dedicado ao assunto na perspectiva de “construir um caso em psicanálise é escrevê-lo”.

Nossos colegas do CLIN-a também estão debruçados sobre pontos de interesse que se apresentaram na pesquisa que precedeu o desenho desta Entrevários e teremos textos orientadores acerca de pontos de junção entre a construção do caso clínico e a supervisão, apresentação, interpretação e transmissão do caso, além do desejo do analista.

O caso paradigmático em psicanálise, além da casuística na psiquiatria e na psicanálise, também se apresentaram como pontos de interesse que serão abordados, visando esclarecer do que falamos quando falamos em caso no nosso Campo.

Finalmente, também nos interessou tratar da temática em movimento no nosso Instituto, a partir do trabalho realizado no Seminário Clínico e a partir da apresentação de pacientes, buscando explicitar possíveis efeitos de formação.

De fato, a Entrevários que em breve será publicada e estará à disposição de cada um de nós, reflete a disponibilidade de nossa comunidade de engajar-se em um trabalho que se mostra incontornável no contexto da formação, trazendo a público a especificidade com a qual o caso é tratado na psicanálise de orientação lacaniana.

Trata-se de um ponto de início e abertura ao tema, podendo vir a suscitar novas pesquisas e construções.

Até breve, com a revista em mãos!

Cristiana Chacon Gallo – editora da Revista Entrevários, n. 21
Associada ao CLIN-a

∴ RADAR

“Experimentos do invisível” e a topologia do tempo

“Desde o início, quando a vida nos submete à sua rígida disciplina, dentro de nós se levanta uma resistência contra a inflexibilidade e monotonia das leis do pensamento e contra as exigências do teste de realidade. A razão se torna o inimigo que nos priva de tantas possibilidades de prazer. Descobrimos quanto prazer nos dá retraindo-nos dela, temporariamente ao menos, e nos entregando aos atrativos do absurdo.”¹

O espetáculo “Experimentos do invisível”, de Marcelo Moraes, ilumina algo que poderia passar despercebido em números de mágica: a relação fundamental que ela tem com a realidade e o tempo.

Criando uma trama ficcional que transforma o espetáculo de ilusionismo, Marcelo pontua a predominância do tempo lógico sobre o cronológico e nos coloca diante de seus efeitos no que se experimenta enquanto realidade. Evocando logo de início uma memória vivida, pondera que esta nada mais é do que a imaginação do passado. A ênfase é colocada, então, na noção de memória como algo que envolve o imaginado e uma temporalidade específica: só depois.



Foto 1: Aline Capobianco

A experiência analítica se inscreve em um tempo lógico no qual é novo ver advir – como efeito do que se escreve no movimento *vaivém* da pulsão – um sujeito, *a posteriori*². Temos assim a temporalidade do inconsciente, em termos freudianos, atemporal. Isto é, o tempo subjetivo não é esférico ou linear. Como mostraram os avanços lacanianos, algumas figuras topológicas

1 FREUD, S. *Conferência XXX - Novas Conferências Introdutórias*. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 41.

2 LACAN, J. *O Seminário – Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 175.



nos auxiliam em pensar estruturas onde pode haver ruptura em continuidade, cortes, interior e exterior confundidos, bordas paradoxais, entre outras propriedades preñhes de consequências subversivas se comparadas à geometria da esfera clássica – na qual se pressupõe unidade, identidade consigo, fechamento completo.

O efeito da retroação e a topologia do tempo introduzidas pela conjectura lacaniana nos apresentam uma lógica pouco afeita ao pensamento científico. O novo é ver advir um sujeito como efeito do circuito da pulsão, um que não é senhor em sua casa, como observam Lacan e Freud.

Na peça, o mágico chama a atenção de todos para o que esse imaginário deve à interpretação, ou seja, para os efeitos da significação e a mobilidade deles. A estupefação é geral quando cada mágica atinge seu desfecho. Se pensarmos nos tempos lógicos indicados por Lacan - instante de ver, tempo de compreender e momento de concluir – podemos dizer que a mágica brinca com a realidade e com o que cai como resto, aquilo que se preserva fora da compreensão.

Com a lógica lacaniana, passamos a considerar os termos temporais e os registros da experiência de acordo com uma topologia específica: a realidade humana não é senão uma montagem entre simbólico e imaginário. O desejo está no centro desse aparelho, desse quadro que chamamos realidade. É preciso distinguir o real e a realidade, observa Lacan. A realidade é o *prêt-à-porter* do fantasma, é o que recobre o real. O real nunca está senão de viés (*entr'aperçu*), quando a máscara do fantasma vacila³.

Um homem conta a história que supostamente viveu, em alguns momentos narrando os fatos e, em outros, os interpretando. A história é aquela de seu primeiro espetáculo de ilusionismo. Um que assistiu há muitos anos, feito por um velho mágico, misterioso, com tom oracular. “Foi você que participou naquela noite”, ele diz. O espectador patina, muitas vezes, em localizar o sujeito da enunciação. Mesmo que fique claro na cena quando quem fala é o homem ou o velho mágico – graças ao trabalho de corpo do ator. O recurso de realocar o dito e atualizar o dizer tem efeitos muito interessantes.

As mágicas assistidas no passado, realizadas pelo velho mágico - que dizia que o mágico, na verdade, pode ser todo e qualquer um que ali estava/está - são realizadas no palco com a participação do público. “O mágico é você”. Quem faz a mágica acontecer? O velho mágico da memória do rapaz, ele mesmo, o convidado que vem do público, a estrutura lógica do tempo, o truque, todos eles? Assim, ficção e realidade vão se trançando, em uma brincadeira com a temporalidade envolvida na memória, na interpretação e no ilusionismo.

3 LACAN, J. *O Seminário – Livro 14: a lógica do fantasma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2024, p. 19.

A questão de uma topologia do tempo e da vacilação da realidade permeia a peça. A mágica, então, acontece dentro da estrutura tórica ou moebiana do tempo, demonstrando que o interior e o exterior se afetam sem corte e sem costura⁴. O efeito mais imediato poderia ser considerar a prerrogativa mística. No entanto, nos ensina à sua maneira o velho mágico – ou seria o anfitrião, as mágicas ou ainda, o próprio Marcelo? -, se pudermos nos entregar temporariamente aos atrativos do absurdo, consentindo com os restos do que se pode compreender, é possível nos divertirmos com ele.

Fernanda Pougy
Associada ao CLIN-a

4 LACAN, J. *O Seminário – Livro 14: a lógica do fantasma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2024, p. 16.

.: Biblioteca

Da tragédia à estrutura: Édipo e a invenção de uma lógica do sujeito

A primeira edição de *Leituras na cidade*, iniciativa da Diretoria de Biblioteca do CLIN-a em parceria com a Livraria das Perdizes (SP), nasceu da aposta de que a cidade também pode ser um lugar de transmissão da psicanálise. Ao deslocar a conversação para o espaço público de uma livraria, a atividade propõe manter vivo um diálogo que acompanha a psicanálise desde Freud: sua interlocução constante com a literatura. As obras literárias ofereceram a Freud um campo fecundo para a elaboração de questões fundamentais sobre o desejo, o inconsciente e a cultura. Lacan aprofundou essa orientação ao recorrer não apenas à literatura, mas também à filosofia, à linguística, à lógica e a outros campos do saber, embora a literatura tenha permanecido como uma referência constante em momentos decisivos da elaboração de seu ensino.

Foi sob essa perspectiva que a atividade tomou como ponto de partida *Édipo Rei*, de Sófocles, traduzido diretamente do grego, obra incontornável para a formulação freudiana do complexo de Édipo. A escolha desse clássico não respondeu apenas à sua importância histórica, mas ao fato de permanecer uma obra capaz de suscitar questões que continuam vivas para a psicanálise.

A apresentação inicial de Camila Popadiuk situou os principais elementos da tragédia, preparando o terreno para que, em seguida, Cássia Maria Rumenos Guardado desenvolvesse as articulações entre a leitura freudiana e os conceitos fundamentais.

A exposição de Cássia partiu de um deslocamento decisivo: mais do que uma narrativa sobre o destino de um personagem, Freud faz de *Édipo Rei* uma lógica para pensar a



constituição do sujeito. O complexo de Édipo não se reduz a um episódio da infância nem a uma etapa cronológica do desenvolvimento; trata-se de uma estrutura que organiza a entrada do sujeito na cultura, sua relação com a lei, o desejo, a identificação e o amor.¹ É justamente esta leitura que permite compreender por que Freud parte da clínica para chegar ao mito, e não o contrário: a tragédia de Sófocles oferece a forma dramática de um impasse que concerne à experiência de todo sujeito.

Ao percorrer textos fundamentais da década de 1920 — “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), “A organização genital infantil” (1923), “A dissolução do complexo de Édipo” (1924) e “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925), Cássia evidenciou que Freud constrói uma mesma questão sob diferentes perspectivas. Lidos em conjunto, esses escritos permitem compreender o complexo de Édipo menos como uma etapa desenvolvimentista do que como uma lógica da constituição subjetiva. Ao deter-se em expressões como “simultaneamente” e “concomitantemente”, presentes na elaboração freudiana das identificações, Cássia mostrou que esses termos indicam uma concepção estrutural do Édipo. Amor, identificação, rivalidade e inscrição na cultura não se sucedem como fases rigidamente ordenadas; são operações que se articulam e se entrelaçam na constituição do sujeito.²

Ao aproximar Freud de Lacan, particularmente no texto “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, a descoberta freudiana é recolocada no campo da linguagem.² Ao privilegiar a estrutura em detrimento da cronologia ou da história do sujeito, Lacan explicita um movimento já presente na obra freudiana: o complexo de Édipo deixa de ser compreendido como uma etapa evolutiva para tornar-se uma operação simbólica que organiza a posição do sujeito diante do desejo do Outro, da lei e da linguagem. Esta leitura abre caminho para os desenvolvimentos posteriores de seu ensino, quando a estrutura será articulada aos registros do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Este percurso nos conduz, então, à compreensão do corpo. Retomando “A organização genital infantil”, “A dissolução do complexo de Édipo” e “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”, pudemos acompanhar que Freud não reduz a sexualidade à genitalidade nem à anatomia. O que está em jogo são os efeitos psíquicos pro-

1 FREUD, S. “A interpretação dos sonhos” (1900). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. RJ: Imago, v. IV-V, 1996 e “A dissolução do complexo de Édipo” (1924). In: *Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. RJ: Imago, v. XIX, 1996.

2 LACAN, J. “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise” (1953). In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. RJ: Jorge Zahar, 1998.

duzidos pela maneira como cada sujeito subjetiva seu corpo, a diferença sexual e as perdas que marcam sua entrada na cultura. A experiência do prazer, da castração, das identificações e do supereu inscrevem-se, assim, num corpo já atravessado pela linguagem.³

Lacan preserva a descoberta freudiana ao deslocá-la para o corpo falante. Se, em seu primeiro ensino, o estágio do espelho⁴ evidencia o papel da imagem na constituição do eu, mais tarde a articulação entre Real, Simbólico e Imaginário permitirá pensar o corpo para além do organismo ou da unidade imaginária, ou seja, pensar o corpo como efeito da linguagem e lugar de incidência do gozo, abrindo novas perspectivas para a clínica contemporânea.⁵

As discussões que se seguiram à exposição evidenciaram a atualidade desse percurso. Mais do que revisitar um mito fundador, a atividade mostrou como a leitura freudiana de *Édipo Rei* permanece uma ferramenta clínica para pensar a constituição do sujeito, do desejo e do corpo. Ao acompanhar atentamente o movimento da escrita de Freud — inclusive em escolhas aparentemente discretas, como os termos “simultaneamente” e “concomitantemente”, cuidadosamente destacados por Cássia —, tornou-se possível reconhecer uma lógica que continua orientando a psicanálise.

A experiência de *Leituras na cidade* transmitiu um modo singular de Cássia ler Freud: acompanhando o movimento de sua elaboração e recolhendo, em cada texto, as operações que Lacan faria ressoar ao longo de todo o seu ensino.

Eliana Machado Figueiredo
Integrante da Comissão de Biblioteca
Associada ao CLIN-a

3 FREUD, S. “Psicologia das massas e análise do eu” (1921); “A organização genital infantil” (1923); “A dissolução do complexo de Édipo” (1924); “Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos” (1925). In: Ed. *Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. RJ: Imago, v. XVIII e XIX, 1996.

4 LACAN, J. “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” (1949). In: *Escritos*. RJ: Jorge Zahar, 1998.

5 LACAN, J. *O Seminário, livro 23: O sinthoma (1975-1976). Texto estabelecido por J.-A. Miller*. RJ: Jorge Zahar, 2007.

.: Convite

A Comissão de Biblioteca tem o prazer de convidar à todos para a segunda atividade de Leituras na cidade. Será no dia 22 de agosto, às 14h na Livraria da Travessa - Ribeirão Shopping

Av. Cel. Fernando Ferreira Leite, 1540, Ribeirão Preto

ATIVIDADE ABERTA E GRATUITA

2ª ATIVIDADE DA BIBLIOTECA DO CLIN-A

Apresentação da obra literária
A CARTA ROUBADA
de Edgar A. Poe

Apresentação da obra:
Emmanuel Mello

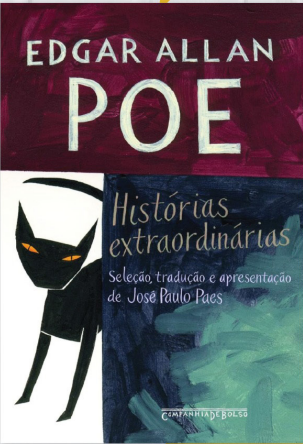
Interlocução:
José Danilo Canesin

22 | AGO
das 14h às 16h

Local:
Livraria da Travessa
Ribeirão Shopping
Av. Cel. Fernando
Ferreira Leite, 1540,
Ribeirão Preto

Whatsapp: (11) 97326-6409
clin-a@clin-a.com.br

clin-a



.: Agenda

CURSOS COMPLEMENTARES

SEDE - SÃO PAULO

UM ESTUDO DAS PULSÕES EM FREUD

- **Coordenação:** Fátima Luzia
- **Datas:** 07/08, 21/08, 04/09 e 18/09
- **Horário:** das 14h às 15h30

CASOS CLÍNICOS CLÁSSICOS DE FREUD

- **Coordenação:** Silvana Sbravati
- **Datas:** 12/08, 26/08, 09/09 e 23/09
- **Horário:** 10h30 às 12h00

UNIDADE - CAMPINAS

A CLÍNICA DO ATO: ATO FALHO, ACTING OUT, PASSAGEM AO ATO E ATO ANALÍTICO

- **Coordenação:** Emelice Prado Bagnola Docentes: Claudia Regina Santa Silva, Emelice Prado Bagnola, Georgia De Sordi, Guilherme Pimentel e Laura Mansin
- **Datas:** 14/08, 28/08, 11/09 e 25/09
- **Horário:** das 18h às 19h30

DO MAL-ESTAR À POLÍTICA DO SINTOMA: O DISCURSO ANALÍTICO NOS TEMPOS QUE CORREM

- **Coordenação:** Camila Morelli Professores: Camila Morelli, Claudia Santa, Hector Trinca Espagnoli, James Alberto de Moura Valeriano e Tatiana Vidotti
- **Datas:** 07/08, 21/08, 04/09 e 18/09
- **Horário:** das 18h às 19h30

ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER – UM RETORNO A FREUD

- **Coordenação:** Patrícia Bichara Professoras: Geórgia De Sordi, Heloisa Amaral e Telma Palmieri
- **Datas:** 10/08, 24/08, 14/09 e 28/09
- **Horário:** das 19h30 às 21

UNIDADE - RIBEIRÃO PRETO

O INCONSCIENTE TRANSFERENCIAL NO CORAÇÃO DA PRÁTICA ANALÍTICA

- **Coordenação:** Eduardo Benedicto Professores: Fernanda Pizeta, José Danilo Canesin e Emmanuel Mello
- **Datas:** 13/08, 27/08, 10/09 e 24/09
- **Horário:** das 18h30 às 20h

ENSINO DE LACAN

- **Coordenação:** Maria Célia Reinaldo Kato e Emmanuel Mello
- **Datas:** 22/08 e 19/09
- **Horário:** das 9h às 12h30

NÚCLEOS DE PESQUISA

SEDE - SÃO PAULO

A PRÁTICA LACANIANA NOS NOVOS TEMPOS E SUA TRANSMISSÃO

- **Coordenação:** Andressa C. Luz e Felipe Bier
- **Datas:** 03/08, 17/08, 31/08, 14/09 e 28/09
- **Horário:** das 20h às 21h30

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – NR CEREDA (CIRANDA SÃO PAULO)

- **Coordenação:** Camille Apolinário Gavioli e Raquel Diaz Degenszajn Colaboração: Silvia Jacobo
- **Datas:** 13/08, 27/08, 10/09 e 24/09
- **Horário:** das 11h30 às 13h

APRESENTAÇÃO DE PACIENTES E PSICOSES

- **Coordenação:** Fábio Saad e Alberto Guimarães
- **Datas:** 07/08, 21/08, 11/09 e 25/09
- **Horário:** das 14h às 15h30

PSICANÁLISE E AUTISMO

- **Coordenação:** Cynthia Gonçalves Gindro, Lilian Beiguelman e Paula Catunda
- **Datas:** 05/08, 19/08, 02/09 e 16/09
- **Horário:** das 11h às 12h30

CINECLUBE LACAN

- **Coordenação:** Eduardo C. Marchesan e Renata Perche
- **Datas:** divulgada conforme a disponibilidade do cinema

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO CRIAR

- **Coordenação:** Maria de Fatima Santos Luzia e Cynthia Gonçalves Gindro
- **Data:** início em 03/08 e as demais datas serão definidas a cada encontro
- **Horário:** das 20h às 21h30

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO RUÍDO

- **Coordenação:** Aparecida Santa Clara Berlitz e Renata Perche
- **Datas:** 30/07, 27/08 e 24/09
- **Horário:** das 14h30 às 16h

UNIDADE – CAMPINAS

PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – NR CEREDA (CIRANDA CAMPINAS)

- **Coordenação:** Claudia Santa Silva, Emelice Prado Bagnola e Tatiana Vidotti
- **Datas:** 12/08, 26/08, 09/09 e 23/09
- **Horário:** das 8h às 9h30

PSICANÁLISE, CORPO E MEDICINA

- **Coordenação:** Eduardo Camargo Bueno e James de Moura Valeriano
- **Datas:** 12/08, 26/08, 09/09 e 23/09
- **Horário:** das 12h às 13h30

CIEN - Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança LABORATÓRIO BOLA DE GUDE

- **Coordenação:** Tatiana Vidotti e Cláudia Regina Santa Silva
- **Datas:** 25/07, 29/08 e 26/09
- **Horário:** das 10h30 às 12h

UNIDADE - RIBEIRÃO PRETO

ENCONTROS DE PSICANÁLISE E LITERATURA

- **Coordenação:** Vagner Arakawa e Emmanuel Mello
- **Data e Horário:** a confirmar com a Biblioteca Sinhá Junqueira de Ribeirão Preto

PSICANÁLISE E TOXICOMANIA

- **Coordenação:** Felipe Ortolani e Maria Célia Reinaldo Kato
- **Frequência:** Quinzenal, às quartas-feiras
- **Datas:** 05/08, 19/08, 02/09 e 16/09
- **Horário:** das 18h às 19h30

SEMINÁRIO CLÍNICO: A CLÍNICA DO CLIN-a

SEDE - SÃO PAULO

- **Coordenação:** Maria do Carmo Dias Batista e Camila Colás
- **Datas:** 14/08, 28/08, 11/09 e 25/09
- **Horário:** das 11h às 13h